

ADRIANO SANTOS DE FRANÇA

**A INFLUÊNCIA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO RENDIMENTO DE
JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.

Turma: W Professor : Iverson Ladewig

Professor orientador: Júlio César Souza

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que consegui na minha vida, e, essa é mais uma conquista; aos meus amigos que conquistei na faculdade que hoje considero irmãos e minha família que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

Claro que não poderia esquecer do meu orientador professor Júlio César que contribuiu muito para esse trabalho.

DEDICATÓRIA

A minha família que tanto amo e valorizo.

EPIÍGRAFE

**“Não faça com os outros o que você
não quer que seja feito com você”.**

Renato Russo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VI
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 PROBLEMA	02
1.2 JUSTIFICATIVA	02
1.3 OBJETIVOS	03
2 REVISÃO DE LITERATURA	04
2.1 O ESPORTE COMO FENÔMENO SOCIOCULTURA.....	04
2.1.1 A psicologia do esporte dentro da sociedade moderna.....	08
2.1.2 O surgimento e consolidação da psicologia do esporte.....	09
2.2 O FUTEBOL E O INÍCIO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL.....	10
2.2.1 A influência da psicologia no esporte e no futebol.....	13
2.2.2 O jogador de futebol e sua rotina.....	15
2.2.3 As influências de outros segmentos da psicologia dentro do futebol.....	16
2.3 AS VÁRIAS PSICOLOGIAS DO ESPORTE NO BRASIL.....	17
2.4 A APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE PARA ATLETAS.....	22
2.4.1 Entendendo a personalidade do atleta.....	23
2.4.2 Motivos de agressividades praticada por jogadores de futebol.....	24
2.4.3 Psicologia do exercício e futebol.....	25
2.4.4 A psicologia aplicada a lesões.....	26
2.5 O FUTURO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL	27
3 METODOLOGIA.....	29
4 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS.....	32

RESUMO

Na preparação dos atletas de futebol de alto desempenho, aprecia-se em muitos dos casos que os treinadores fazem os maiores esforços para desenvolver em seus atletas uma adequada preparação física, técnica, tática e teórica. Além de difundir neles valores, interesses pela vitória e confiança em si mesmos. Ao chegar a competição, muitos atletas apresentam comportamentos como: nervosismo excessivo, indiferença com a competição, entre outros. Portanto é necessário ficar convencido, que a preparação psicológica é uma tarefa constante do trabalho com as equipes de futebol. É importante fazer tarefas de ordem psicológicas durante uma parte do treinamento, porém isto não garante o desenvolvimento harmônico do atleta e da equipe que é o desejo de todos os profissionais envolvidos na preparação da equipe alcançar. Dentro da Educação Física durante a execução das tarefas ligadas à preparação física, técnica, tática, requer-se ter em conta a forma mais racional para que cada atleta receba a informação e cumpra com as mesmas de forma consciente, concentrado, disposto a entregar seus melhores esforços diariamente, e isto só é possível, se aplicamos durante todas as fases do treinamento a preparação psicológica.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o esporte é um grande fenômeno que vem se desenvolvendo cada vez mais. Dentro do futebol, a cada dia surge uma nova técnica, um novo meio de treinamento, um novo material utilizado para melhorar ainda mais a performance.

As competições estão acirradas e pequenos detalhes fazem a diferença. Um atleta que busca ótimos resultados procura se estruturar utilizando tudo o que há de mais novo e de todos que estão disponíveis a otimizar o seu rendimento. Além de um bom técnico, de um nutricionista, fisioterapeuta, médico, massagista, acupunturista, a busca pelo psicólogo e pelo preparo emocional vem aumentando por ser tido como diferencial. É aí que entra a Psicologia do Esporte.

O nível de treinamento antes encarado apenas sob o ponto de vista físico, é visto hoje como um conjunto de preparações: a preparação física e a preparação emocional

Diversos atletas confirmam a importância do preparo emocional nos momentos de pré-competição e durante a competição, pois relatam ficar ansiosos, desconcentrados e acabam não rendendo o que podiam, ou mesmo não chegam perto daquilo que alcançam nos treinos. A rotina de treinamento desgastante é outro fator importante a ser considerado no preparo psicológico porque pode desmotivar o atleta a ponto deste abandonar a carreira esportiva.

A psicologia vem se tornando fundamental no desempenho técnico dos jogadores de futebol. Hoje a maioria dos grandes clubes brasileiros possuem um profissional da psicologia trabalhando constantemente com os jogadores.

O presente trabalho trata da importância da atuação de um profissional da psicologia, e os reflexos deste trabalho dentro de campo, e no dia-dia de um clube de futebol. Os efeitos positivos para um melhor resultado técnico e físico, contribuindo no objetivo de profissionais ligados a Educação Física como Técnicos e Preparadores Físicos.

Também buscando apresentar um panorama da Psicologia do Esporte no Brasil enquanto um espaço de pesquisa e de intervenção, que vem sendo construído ao longo de quase quatro décadas de investigação, reunindo profissionais da psicologia e da educação física.

1.1 PROBLEMA

Mostrar as maneiras de como os profissionais da Educação Física e da psicologia podem trabalhar em conjunto; o desempenho psicológico está ligado diretamente ao desempenho técnico e físico dentro do esporte e mais especificamente dentro do futebol?; O que a psicologia do esporte nos fala, ou pesquisas relacionadas a ela demonstram sobre o desempenho em geral?

1.2 JUSTIFICATIVA

Os anos 90 decretaram uma nova postura nos grandes times de futebol através do surgimento dos clubes-empresa. Em decorrência desse tipo de patrocínio, é possível viabilizar uma nova "filosofia" na organização desses times, onde um dos itens mais importantes deveria ser o reconhecimento da necessidade de um psicólogo atuante e presente para garantir um rendimento positivo e estável das equipes. Ou seja além de um rendimento físico, a mente deve estar em ordem também, por isso que o profissional da psicologia e da Educação Física devem trabalhar de uma forma integrada.

Dentro da Psicologia do Esporte, alguns fatores têm recebido especial atenção dos profissionais envolvidos no futebol e no esporte em geral, entre eles podemos citar a motivação, a ansiedade, o estresse, a agressividade, a personalidade, a liderança, além das interferências externas (pais, familiares, namoradas(os), esposas(os), amigos, arbitragem, etc.), sem falar na grande influência que a mídia, cada vez mais presente e ativa no contexto esportivo, pode causar nos envolvidos na competição

Todos esses fatores podem, de uma forma ou de outra, com maior ou menor força, influenciar no desempenho do jogador e, conseqüentemente, na performance da equipe.

1.3 OBJETIVOS

Corpo físico e o mental estão diretamente ligados, ainda mais para atletas do futebol profissional, que cada vez exige mais concentração e rendimento tanto

técnico, físico e psicológico, o objetivo do presente trabalho é demonstrar a influência do trabalho da psicologia do esporte no rendimento técnico e físico em jogadores de futebol profissional, como também fazer uma análise e comparação com os atletas de forma geral.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O ESPORTE COMO FENÔMENO SOCIOCULTURAL

“O esporte é considerado um grande fenômeno sociocultural , é uma arte que vem se destacando desde a Antigüidade , pode ser visto como uma disputa que irá determinar quem é o melhor na situação proposta onde há sempre algo a ser superado” (ALVÁRO e GARRIDO, 2003, p. 22).

“A ciência do esporte abrange um grande número de diversas teorias e conceitos na área de Educação Física e do esporte” (SAMULSKY, 2002, p. 4).

O esporte entendido enquanto fenômeno social tem se destacado como uma das grandes instituições coletivas do final do século passado, sendo objeto de investigação em várias áreas. Entre estas se destaca a Psicologia do Esporte, que, apesar de ter surgido no início do século XX ainda é percebida como área emergente. Em termos sucintos é definida como "o estudo científico de pessoas no contexto do esporte ou do exercício" (RUBIO, 2000, p. 15).

Conforme (SALMUSKI, 1992, p. 36), "o enfoque dos psicólogos esportivos esta direcionado para dois campos distintos, mas interconectados: 1- a otimização das performances e 2- a investigação de como a inserção em atividades físicas e esportivas transforma o âmbito psíquico e a saúde das pessoas”.

Relacionada à Educação Física e à Fisioterapia, a Psicologia do Esporte tem buscado ser reconhecida, atualmente, como uma disciplina da Psicologia, entendida como Psicologia aplicada. Tradicionalmente, porém, o que acontece é a relativa ausência da disciplina nas grades curriculares dos cursos de graduação em Psicologia no Brasil. Recentemente "... a tendência tem sido a elaboração de uma 'Ciências do Esporte', que congregaria então a Biomecânica, a Sociologia, a Antropologia, a Medicina e a Psicologia do Esporte, bem como outros campos do saber diretamente voltados para a prática esportiva "(RUBIO, 2000, p. 18).

Considerada então como uma sub-área das Ciências do Esporte e ao mesmo tempo uma especialidade da Psicologia, a Psicologia do Esporte vem se ocupando apenas de certos aspectos da Psicologia em geral.

“A clivagem aparece, sobretudo na dicotomia construção teórica/pesquisa versus aplicação prática/intervenção psicológica, onde há uma concentração na

importância de variáveis independentes que influenciam a 'performance'" (RUBIO, 2000, p. 17).

É uma área que, entre outras coisas, se aproxima muito dos estudos em Psicologia que se ocupam da cognição, da percepção e da psicomotricidade.

Na antiga Esparta , o esporte era visto como uma atividade especial e que apenas alguns homens podiam praticar. Nos tempos modernos, Hitler utilizava-se do esporte para provar a superioridade da raça ariana e, após a guerra o esporte passou a servir como um pano de fundo para uma disputa política, que mexia com o sentimento de todos os cidadãos, entre os Estados Unidos e a União Soviética (BRANDÃO, 2000).

Atualmente o esporte vem se desenvolvendo, os treinamentos estão cada vez mais parecidos o que torna as equipes equilibradas e a psicologia a ser o diferencial, vence a competição aquele que estiver melhor preparado fisicamente, taticamente e mentalmente.

As pessoas começaram a perceber que para os atletas conseguirem atuar dentro do seu máximo é necessário que ele esteja preparado física, técnica, tática e psicologicamente e se um desses níveis encontrar-se inadequado há um prejuízo com relação aos demais, ocasionando uma redução na performance do atleta e consequentemente dos resultados. Sabe-se que não é possível entrar em uma competição apenas com partes do nosso corpo, por exemplo, só com as pernas, só com os braços ou só com a cabeça, temos que utilizar a totalidade da pessoa e o objetivo do homem é aprender a lidar e conciliar toda as cargas energéticas e psíquicas para que elas funcionem em benefício de seu progresso, evolução e perfeição, tendo como consequência a Harmonia de seu físico, da sua psique e do seu ambiente, logo a performance de um atleta estará ligada a sua estabilidade emocional.

Cada jogo é único na vida de um atleta , vencer significa ser superior e perder significa o fracasso, isso envolve emoções e dramas diferentes, as competições possuem resultados incertos o que ocasiona uma serie de comportamentos que muitas vezes os próprios jogadores não sabem explicar e através de suas emoções e ações acabam criando bloqueios que impedirão as energias de fluírem através de sua estrutura , fazendo com que ele passe a sentir os

efeitos desses bloqueios na sua saúde física, psicológica e no seu rendimento esportivo.

Conforme ÁLVARO e GARRIDO (2003, p. 23):

A psicologia do Esporte nasceu na Alemanha no início do século XX e a primeira fase do seu desenvolvimento ocorreu através de pesquisas sobre aspectos psicofisiológicos e psicofísicos do comportamento humano onde se constatou os efeitos do esporte e da atividade física no psiquismo. A partir de 1960, a Psicologia do esporte se caracterizou pela formação de organizações, institucionalização e comunicação internacional.

Ainda segundo RUBIO (2000) no Brasil, o Psicólogo João Carvalhes foi o primeiro a integrar uma delegação brasileira de futebol, campeã mundial na Suécia e, desde então a psicologia tem conseguido criar um espaço dentro dos clubes.

A psicologia do Esporte é definida por (COX, 2000, p. 33) como: “a ciência no qual os princípios da psicologia são aplicados no meio esportivo, visando melhorar a performance do atleta”. Tendo como objetivo estudar o modo como os fatores psicológicos interferem no rendimento físico dos atletas e como “(...)a participação no desporto atua no desenvolvimento psicológico e bem estar das pessoas” (WEINBERG e GOULD, 1995, p. 46).

A aplicação da psicologia do esporte se da em vários campos:

- na Educação o psicólogo procura interagir com o professor de educação física, detectando pontos de deficiência dos alunos para tornar a aula mais motivante;
- na reabilitação utiliza-se da psicologia para facilitar o entendimento do processo pelo qual a pessoa esta passando por meio do esporte;
- no lazer a psicologia aliada a conduta apropriada dada por um professor pode fazer com que a pessoa lide com essa orientação em relação a sua vida;
- no rendimento a Psicologia se enquadra num trabalho multidisciplinar que busca levar o atleta mais próximo do seu limite máximo competitivo.

Deve-se ter em mente que o psicólogo não vai ganhar campeonato sozinho e sim atuar como um facilitador do grupo , estudando o comportamento de todos os envolvidos na pratica desportiva, antes, durante e após o treino e a competição, visando aumentar o repertório do indivíduo de acordo com suas potencialidades, desenvolvendo as competências psicológicas.

RUBIO (2000, p. 24) expõe que:

O psicólogo procura estreitar os vínculos intergrupais e interpessoais, promovendo a coesão grupal a aproximando a equipe da realidade do adversário. Trabalha a singularidade do atleta, ajudando-o a desenvolver as habilidades psicológicas necessárias para a performance e atuando como um facilitador no relacionamento atleta comissão técnica.

Porém BRANDÃO (2000, p. 08) afirma que:

...a preparação psicológica no esporte visa criar no atleta um estado de predisposição psicológica de acordo com as condições específicas da modalidade esportiva, é um trabalho contínuo assim como outros tipos de preparação, onde é preciso tempo e constância, o psicólogo não faz milagre, mas a soma de seu trabalho com os outros membros da comissão técnica permite a otimização do rendimento do atleta e as vitórias.

No esporte há uma preocupação constante em ser sempre o melhor e ocupar a posição de número 1, essa busca leva a uma tensão permanente e as vitórias causam alegrias e frustrações dentro da equipe. O jogo inclui a capacidade de assumir riscos e conseguir vitórias e o atleta acreditar mais em si, que descobrir que perder e ganhar faz parte da realidade estará a um passo da vitória.

De acordo com SALMUSKI (1992; 2002), “o esporte, entendido aqui como instituição social, veio se caracterizando ao longo dos últimos tempos como um dos grandes acontecimentos do século XX”. A partir dos estudos efetivados especialmente em função do futebol teve início a articulação entre o lazer, o entretenimento e o lúdico com outros aspectos da meio social mais ampla: questões de gênero, de classe, étnicas, políticas, culturais. Propriamente em Psicologia do Esporte as pesquisas que começaram em fins do século XIX, estavam inseridas no modelo 'behaviorista', adequadas ao momento histórico vivido pela Psicologia como um todo.

Conforme SALMUSKI (2002, p. 01), “surgiram os primeiros laboratórios em Psicologia e institutos de Psicologia do esporte: Na antiga União Soviética (Rudik, Puni), nos Estados Unidos (Griffith), no Japão (Matsui) e na Alemanha (Schulte, Sippel)”.

Conforme a COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP (2001, p. 33):

...em 1979 é instituída a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação. Por isso, nota-se que a Psicologia do Esporte tende, ainda hoje, a permanecer no campo da Educação Física e da Fisioterapia e, junto ao senso comum, é uma novidade que apenas começou a existir na década de 90, com a participação de psicólogos(as) nas delegações brasileiras durante as Copas do Mundo de Futebol.

Todavia, a questão é bem mais complexa, posto que, como apontou (WEINBERG e GOULD, 1995, p. 50) “... o trabalho tem tomado cada vez menos tempo na vida do sujeito ocidental e, assim, o tempo que este pode dispensar às várias modalidades de diversão e de lazer é cada vez maior”. A par disto, com a mercantilização, o esporte foi se transformando num gigantesco fenômeno social, político e financeiro.

2.1.1 A Psicologia do Esporte dentro da sociedade moderna

RUBIO (2000, p. 30) diz que:

O esporte contemporâneo é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século XX e tem agregado em torno de si um número cada vez maior de áreas de pesquisa, constituindo as chamadas Ciências do Esporte, compostas por disciplinas como antropologia, filosofia, psicologia e sociologia do esporte, no que se refere à área sócio-cultural, incluindo também a medicina, fisiologia e biomecânica do esporte.

Ainda segundo o autor se demonstra uma tendência e uma necessidade à interdisciplinaridade. Essa tendência, contudo, não representa uma prática interdisciplinar, ainda, uma vez que as diversas outras áreas convivem enquanto soma, mas não em relação, fazendo com que as Ciências do Esporte vivam hoje um estágio pluridisciplinar.

SAMULSKI (1992, p.12) expõe que:

A Psicologia do Esporte iniciou suas pesquisas há aproximadamente um século, estudando inicialmente aspectos próximos à fisiologia, os chamados condicionantes reflexos. Ao longo dos anos outros temas como motivação, personalidade, agressão e violência, liderança, dinâmica de grupo, bem-estar psicológico, pensamentos e sentimentos de atletas e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física foram sendo incorporados à lista de preocupações e necessidades de pesquisadores e profissionais. Na atualidade, diante do equilíbrio técnico alcançado por atletas e equipes de alto rendimento, os aspectos emocionais têm sido considerados como um importante diferencial nos momentos de grandes decisões dentro do esporte.

“Interpretada como um produto da década de 1980, a Psicologia do Esporte tem sua história escrita a partir do início do século XX na Rússia e Estados Unidos e,

mais precisamente, a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1958” (RUBIO, 2000, p. 33.).

Como ciência “jovem”, a Ciência do esporte abrange um grande número de diversas teorias e conceitos na área de Educação Física e do esporte. A Psicologia do esporte, entretanto, é um componente integrado à ciência do Esporte, estabelecendo uma relação interdisciplinar...” (SAMULSKY, 2002, p. 04)

“A produção acadêmica da área é uma associação de conhecimentos da psicologia clínica e social, sob a influência das variadas correntes teóricas e paradigmas da Psicologia, aplicada à observação, análise e intervenção dos comportamentos e atitudes dos seres humanos no contexto da prática do esporte e da atividade física” (SALMUSKI, 1992, p. 46).

Conforme a COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP (2001, p.28):

A psicologia na área do esporte vem sendo divulgada mais pela mídia ; mas não é de hoje que ouvimos técnicos e atletas focalizarem o aspecto emocional através de suas frases como: “a equipe não estava psicologicamente preparada ” ou “ os jogadores não estavam concentrada na partida” .O senso comum muito já nos dizia porem pouco era feito; havia , e ainda há em muitos lugares, a idéia de que o psicólogo “ cuida de louco “ ou só é necessário quando a equipe está em crise , perdendo seus jogos; nesse momento o que querem é que o psicólogo faça milagre, que num passe de mágica reverta a situação e torne o time vencedor , se isso não acontece é motivo pra dizerem que o trabalho não adianta. Entretanto essa realidade tem mudado, aos poucos os clubes vem percebendo a importância de integrar a figura do psicólogo em uma comissão técnica com o objetivo de melhorar o rendimento dos atletas.

2.1.2 O surgimento e a consolidação da Psicologia do Esporte.

Quando da década de 1960, a Psicologia do Esporte adquiriu nova dimensão, tanto pelo fato de se disseminarem congressos para a divulgação de pesquisas quanto pela organização do campo da Psicologia. Neste período, 1965, é inaugurada a Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, que, segundo a autora, se caracterizou por ver "(...) o desenvolvimento da Psicologia do Esporte como uma resposta à necessidade do mercado, ou seja, de nossa civilização" (RUBIO, 2000, p. 19).

Para BRANDÃO (2000, p. 28)

Os anos 70, por seu turno, foram marcados pela legitimação da Psicologia do Esporte enquanto uma disciplina no sentido estrito do termo. As pesquisas de então enfatizavam especialmente os experimentos e a observação comportamental do atleta. Outro tipo de

estudo que se destacou nesta época foram os relacionados à personalidade e aos mecanismos internos no que respeita à determinação da conduta esportiva e lúdica. Acreditava-se que a interação entre o sujeito e o ambiente era o fundamento da personalidade e do comportamento humano.

Na década de 1980 a produção acadêmica se dedicou sobre o enfoque cognitivista. O interesse era verificar como os atletas mentalizavam suas ações e quais as interferências de tal dinâmica psíquica no rendimento. Assim sendo, houve um grande interesse nas pesquisas sobre as representações mentais das imagens. "(...) a consequência desse desenvolvimento é que a sugestão e as técnicas cognitivas converteram-se em uma parte substancial da maioria dos programas de treinamento" (RUBIO, 2000, p. 20).

Na Europa Oriental, incluindo-se a Rússia, a Psicologia do Esporte também experimentou grande arrancada ao longo dos últimos 60 anos. Em razão disso "(...) os psicólogos do esporte na Europa do leste desempenharam papel ativo nas várias etapas de seleção, treinamento e preparação para competição de atletas" (RUBIO, 2000, p.21).

Conforme (WEINBERG e GOULD, 1995) "o intuito era, entre outras coisas, a utilização dos excelentes índices dos esportistas do bloco socialista no confronto com o bloco capitalista, fato este que funcionava, do ponto de vista histórico, como importante indicador das rivalidades internacionais. Isso é histórico e faz parte da história das olimpíadas".

As investigações se concentravam, sobretudo no campo da Psicofisiologia, amparadas pelas técnicas oriundas dos estudos realizados no programa espacial soviético. Conforme (RUBIO, 2000, p. 22), "as vertentes que mais receberam atenção destes cientistas foram as ligadas ao enfrentamento das situações competitivas e das situações de ansiedade assim como os contextos pré-disputas." A auto-hipnose foi um dos principais componentes da intervenção psicológica. Atualmente lembram o perfil dos atletas cubanos como herdeiro do conhecimento produzido durante o socialismo europeu.

É isto que explica porque o País, que enfrenta séria crise financeira, consegue preservar excelentes níveis de performance esportiva em diversas modalidades.

No que se refere a Brasil e mais especificamente ao futebol, que é abordado no próximo capítulo, mostra como a história da Psicologia do Esporte e do futebol o esporte mais popular do país se confundem.

2.2 O FUTEBOL E O INÍCIO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL

A Psicologia do Esporte, que apesar de ter seu início vinculado a trabalhos realizados há mais de um século, no Brasil ainda é vista como uma novidade tanto por psicólogos, que reconheceram-na como uma especialidade da Psicologia em dezembro de 2000, como por profissionais do esporte sejam eles atletas, técnicos e dirigentes, que não têm clareza de que maneira essa intervenção pode ajudá-los a aumentar o rendimento esportivo ou superar situações adversas. (COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP, 2001).

No Brasil, a recente história da Psicologia do Esporte começa nos anos 1950. “O primeiro livro de Psicologia do Esporte foi realizado em 1962 por Athayde R. SILVA e Emílio MIRA” (RUBIO, 2000, p. 25).

De acordo com RUBIO (2000) em 1974 João Carvalhães, foi o primeiro psicólogo a atuar num clube de futebol, escreve ‘Psicologia no Futebol’. Com a explosão de práticas psicológicas ligadas ao meio esportivo e mirando-se pelas instituições erigidas em outros países, é criada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte em 1979. Na década de 90 novo impulso é dado a este campo com o representativo aumento de profissionais, com a publicação de trabalhos científicos e o crescimento do número de pós-graduações *latu sensu* na área. O primeiro laboratório é criado pelo professor Dietmar Samulski, na Universidade Federal de Minas Gerais. O marco inicial da Psicologia do Esporte brasileira foi dado pela atuação e estudos de João Carvalhaes, um profissional com grande experiência em psicometria, chamado a atuar junto ao São Paulo Futebol Clube, onde permaneceu por cerca de 20 anos, e esteve presente na comissão técnica da seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de Futebol de 1958 e conquistou o primeiro título mundial para o país na Suécia. Embora a conquista do título e o período de permanência no clube sejam dignos de registro até os dias atuais, esse fato não representou um grande impulso para a área no período em que ocorreu. Isso talvez se deva às condições vividas tanto pela Psicologia quanto pelo Esporte naquela época.

A Psicologia, da maneira como ela se encontra organizada hoje, foi reconhecida como profissão apenas em 1962. Isso representou um grande movimento em duas frentes: na profissional e na acadêmica. Na profissional porque foi um período de concessão do registro de atuação profissional àqueles que já vinham exercendo ao longo de vários anos atividades que a partir daquele momento eram caracterizadas como do âmbito do psicólogo. E aqui se encontravam os filósofos, pedagogos, sociólogos que atuavam na escola, na indústria e, principalmente, na clínica, e que passaram a serem reconhecidos como psicólogos. (Brandão, 2000).

“Àqueles que não apresentaram os requisitos necessários para a obtenção do título restava fazer o curso de Psicologia e obter o certificado por meio de formação acadêmica” (RUBIO, 2000, p. 29).

Se na Psicologia o movimento era de reconhecimento e de afirmação, no esporte, e mais especificamente no futebol, as condições eram distintas.

Como diz a COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP (2001) “as regras que marcavam o esporte na década de 1950 eram o amadorismo e o *fair play*, e isso representava um compromisso com a prática esportiva competitiva muito distinto daquele que se vive hoje”. Os atletas que recebessem, mesmo a título de presente ou gratificação, benefícios para treinar ou competir eram considerados profissionais, e como tais não poderiam participar de Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais.

O futebol constituía-se uma exceção. Profissionalizado no Brasil e em outros países desde a década de 1920, ele foi se tornando um fenômeno distinto das demais modalidades esportivas tanto naquilo que se refere a organização dos times e clubes, com atletas recebendo remunerações muito altas para os padrões da época e comissões técnicas compostas por profissionais de várias áreas, como pela organização de seus eventos, campeonatos nacionais e mundiais, em que as Federações da modalidade têm a autonomia para organizá-los e gerenciá-los conforme elas assim o quiserem. (COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP, 2001, p. 38)

“Mas a relação que o povo brasileiro tem com o futebol é bastante singular. Introduzida no país pelos ingleses no começo do século XX, tornou-se uma paixão, e por vezes um problema, nacional” (BRANDÃO, 2000, p.18).

Essa situação pode ser exemplificada com a derrota sofrida no jogo final do Campeonato Mundial de 1950, realizado no maior estádio do mundo da época, no Brasil, em que diante daquela situação que acabava de se configurar a platéia, e

grande parte do povo, respondeu com o silêncio, e esse tema se tornou quase um tabu para atletas, dirigentes e para a população.

Segundo RUBIO (2000), “essas eram as expectativas e a realidade do futebol com que se deparava João Carvalhaes em 1958. Essas eram as condições da Psicologia e do Esporte no Brasil de então”. E assim estava marcado o início da Psicologia do Esporte brasileira. Nos anos que se seguiram foi sendo acumulada muita informação sobre indivíduos (atletas) e grupos (times) que praticavam esporte ou atividade física, sem que isso ainda representasse a constituição de uma teórico consistente. Passado quase meio século daquela atuação pioneira, hoje a Psicologia do Esporte no Brasil segue seu próprio rumo e, ao mesmo tempo, em várias direções.

“Caminhando par e passo com a Psicologia Geral, pode-se observar o desenvolvimento não de uma, mas de várias Psicologias do Esporte, distintas umas das outras por causa do referencial teórico que sustenta essa produção acadêmica e prática” (RUBIO, 2000, p. 31).

2.2.1 A influência da Psicologia do Esporte no futebol

Dar aos jogadores respaldos psicológico é tão importante quanto lhes dar uma carga de treinamento físico, programada por preparadores físicos formados em Educação Física. Afinal, o corpo físico e o mental estão diretamente ligados e merecem igual atenção. “Cuidar do corpo significa também percebê-lo como um todo unificado, do qual fazem parte as emoções e as estruturas mentais” (COX, 2000, p. 08).

Conforme SAMULSKI (1992), “o papel do psicólogo responsável pela saúde psíquica de um time se desenvolve a partir de uma abordagem das emoções que os jogadores vivenciam no seu dia - dia de trabalho”. A cada novo jogo, o jogador de futebol passa por várias emoções e, quando não existe assistência psicológica, essas emoções tendem a se acumular levando, em muitos casos, os jogadores a realizar atos impensados -- que podem prejudicar a si próprio e ao grupo do qual faz parte. Atualmente, são inúmeras as discussões sobre a violência dentro de campo. Sabe-se que ela não se restringe à torcida e que, entre os jogadores, o descontrole é cada vez mais freqüente.

Para MARQUES e JUNISHI (2000, p. 48):

A Psicologia do Esporte tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática de atividade física e esportiva competitiva e não competitiva. Esses estudos podem abarcar os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que se apresenta na situação esportiva a partir da perspectiva de quem pratica ou assiste ao espetáculo.

"Se o clube não pagar um psicólogo, eu pago. Prefiro investir 10 e receber 100 mais tarde", diz o técnico da seleção Brasileira, SCOLARI (2003)

Estatisticamente, os jogadores brasileiros, em sua maioria, pertencem à uma camada social menos favorecida. Mas são eles que, quando atingem o sucesso, recebem salários mais altos do que a maioria da população com curso superior, por exemplo. A contribuição que um psicólogo pode dar é auxiliar o jogador na percepção de sua realidade e na tentativa de compreender os problemas que estejam ocorrendo na sua vida pessoal e profissional, alertando-o sobre uma série de outros problemas: problemas de relacionamento dentro do grupo, desentendimentos, acusações e divergências de idéias, fatos tão normais na rotina de um time de futebol. E não há dúvida que o efeito desses fatores afeta negativamente o rendimento de um grupo, e o trabalho do treinador e do preparador físico muitas vezes fica comprometido.

A realidade é que muitos times de futebol não sabem que atitude tomar frente a um atleta que, eventualmente, demonstre dificuldades de atuação sem perceber que disso pode haver um comprometimento da performance que poderia ser evitado se o indivíduo tivesse uma assistência a nível psíquico. Por isso cabe ao profissional da Educação Física perceber isso e levar ao psicólogo, quando se trata de queda de rendimento físico sem explicação evidente.

"Cada jogador, assim como cada ser humano independente da sua condição, é um ser humano único, sujeito a, dúvidas e conflitos que determinam seu comportamento" (COX, 2000, p. 12).

Segundo BRANDÃO (2000), "nos times de futebol, o psicólogo soma suas forças com as de outros profissionais igualmente importantes para o bom desempenho da equipe". Caberia a ele, especificamente, ser um facilitador das inter-relações do grupo. Para isso, seriam necessárias sessões de dinâmica de grupo, acompanhamento individual, palestras e reuniões informativas sobre temas atuais

complementariam o trabalho, permitindo dar aos atletas uma visão mais abrangente do mundo e de sua responsabilidade como cidadão. Manter um bom estado emocional dos jogadores, procurando fazer com que eles percebam sua real função e momento de vida, foi sempre uma tarefa atribuída aos treinadores, na decisão da Copa do Mundo de 1950 cuja final no Maracanã entre Brasil e Uruguai provocou o maior silêncio do mundo. A prematura comemoração da vitória foi prejudicial para a concentração e o rendimento dos atletas brasileiros durante o jogo, favorecendo a vitória do Uruguai, um time que até então havia feito apresentações inferiores às da seleção do Brasil. Se, na boca do túnel, nos momentos que antecederam a grande final, junto ao treinador Flávio Costa estivesse presente um profissional capacitado a administrar o "ôba ôba do já ganhou", hoje seríamos hexa - campeões mundiais de futebol.

Um longo caminho ainda deverá ser trilhado para garantir um espaço de atuação psicológica nos esportes, principalmente no futebol, mais resistente a esta inovação do que o tênis, o vôlei e a natação. Alguns obstáculos se mantêm intransponíveis, sendo que o principal deles é a mentalidade primitiva e a postura conservadora dos dirigentes, que devem ser desafiadas e combatidas. Só assim os atletas poderão receber a totalidade dos benefícios que lhes são devidos.

2.2.2 O jogador de futebol e a sua rotina

A cada novo jogo, uma quantidade de sensações são mobilizadas e, quando não existe assistência psicológica essas sensações não trabalhadas tendem a se acumular levando, em muitos casos, à prática de atos impensados por parte dos jogadores que, desta forma, prejudicam a si próprios e ao grupo do qual fazem parte. É comum ouvir grandes atletas e treinadores dizerem: "temos que nos preparar psicologicamente para esta partida" ou "fisicamente o time está bem, mas psicologicamente vem passando por dificuldades" ou, ainda, "temos que elevar o moral para virarmos o jogo".

Segundo MARQUES e S. JUNISHI (2000):

...quando se diz que o atleta está precisando de melhor preparo físico para uma competição, sabe-se que o preparador físico será escalado para um trabalho mais rigoroso com esse atleta, seja definindo nova rotina de treinamento, optando por um macrociclo ou

determinando-lhe que faça exercícios para desenvolver habilidades motoras necessárias ao seu desempenho: força explosiva, flexibilidade, resistência muscular localizada, agilidade etc. O preparador físico tem ou deveria ter uma formação específica.

No entanto, se o atleta está mal psicologicamente a questão psicológica é que está fazendo a diferença, quem é o profissional tecnicamente preparado para atuar na solução deste problema? O técnico, o diretor do clube, o médico ortopedista? Os mais esclarecidos dirão que nenhum deles está tecnicamente preparado para assumir a responsabilidade de intervir no plano psicológico. Já os que conhecem de perto o cotidiano do treinamento do atleta, de equipes ou clubes, dirão que profissionais sem a devida formação estão atuando como "psicólogos" no esporte.

De acordo com RUBIO (2000) um engenheiro assumiu a tarefa da preparação psicológica da seleção brasileira de futebol durante a Copa de 1958.

Dentro das idéias de BRANDÃO (2000) "a psicologia do esporte é estudo dos fatores comportamentais que influenciam e são influenciados pela participação e desempenho no esporte, exercício e atividade física, aplicação do conhecimento adquirido através deste estudo para a situação cotidiana". Há uma disciplina chamada psicologia aplicada ao exercício e ao esporte e esta investiga as causas e os efeitos das ocorrências psíquicas que apresenta o ser humano antes, durante e após o exercício ou o esporte, sejam estes, de cunho educativo, competitivo ou reabilitador. Em suma, a Psicologia do Esporte tem por finalidade investigar e intervir em todas as variáveis que estejam ligadas ao ser humano que pratica uma determinada modalidade esportiva e, em seu desempenho.

2.2.3 As influências de outros segmentos da Psicologia dentro do futebol

De acordo com ÁLVARO e GARRIDO (2003, p. 12) "vários outros segmentos da psicologia têm influenciado a Psicologia do Esporte na medida em que contribuem para a ampliação do conhecimento dos fenômenos psicológicos que englobam o futebol. Entre eles, a psicologia social, a do desenvolvimento, a clínica, a experimental, a organizacional, a da personalidade e a educacional".

“É importante lembrar que no atendimento ou intervenção junto ao atleta é necessário que o profissional esteja bem familiarizado com os segmentos da psicologia e suas propostas teóricas” (SAMULSKI, 1992, p. 18).

“A motivação para a prática esportiva depende da interação entre a personalidade (expectativas, motivos, necessidades, interesses) e fatores do meio ambiente como facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais” (SAMULSKI, 2002, p. 105).

No entanto, a Psicologia do Esporte é um segmento com objetivos específicos e área própria de interesse e, portanto, com aplicações e técnicas próprias. Psicologia do Esporte e psicologia no esporte não são sinônimos, visto que esta última inclui intervenções relacionadas. Questões como a motivação do atleta, concentração em uma competição, persistência no treino, temperamento do atleta, liderança de equipe, influência no desempenho atlético da equipe e influência negativa e positiva da torcida sobre o atleta são alguns dos temas abordados pela Psicologia.

Segundo a COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP (2001, p. 36) “já como disciplina científica e como área profissional, a Psicologia do Esporte ajuda a compreender melhor o exercício e o esporte praticados pelo ser humano, avaliando, analisando e dirigindo estas atividades através de processos psicológicos”. Ela deve ser responsável pelo bem-estar do praticante de exercício ou esporte, sejam estes objetivos competitivos, recreativos, de manutenção ou reabilitação da saúde. Pode apoiar o indivíduo ou o grupo com o objetivo de maior aperfeiçoamento, segundo a tarefa proposta, melhorando as demandas situacionais, contribuindo para que ele melhore sua habilidade e alcance suas metas e necessidades.

Conforme RÚBIO (2000, p. 48):

Mas o jogador de futebol, especificamente, enfrenta problemas básicos diante dos quais nem sempre sabe se posicionar:

- ✂ o abandono da adolescência, período de experiências definitivas, em prol da carreira;
 - ✂ o distanciamento do mundo devido à dedicação exigida pela grande carga de treinamentos;
 - ✂ a necessidade de abrir mão de uma vida familiar tradicional;
 - ✂ as dificuldades decorrentes de mudanças de país-- exigindo adaptação à novos idiomas, clima e hábitos estrangeiros;
 - ✂ o desejo de sucesso e as dificuldades para atingir e conviver com a fama;
- a curta duração da carreira.

De acordo com BRANDÃO (2000, p. 77) se evidencia a extrema utilidade da atuação de um profissional da área da psicologia para dar aos atletas, através de um necessário suporte, as armas adequadas para que eles lidem satisfatoriamente com as dificuldades acima citadas. Além delas, outra questão importante é o comportamento do jogador frente às pressões exercidas pela torcida e pela mídia em geral. A cobrança, muitas vezes indevida e inclemente, pode significar um obstáculo a mais dentro do conjunto de dificuldades às quais ele é submetido.

2.3 AS VÁRIAS PSICOLOGIAS DO ESPORTE NO BRASIL

É preciso esclarecer que nem toda psicologia aplicada ao esporte é psicologia do esporte.

“A Psicologia do Esporte tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática de atividade física e esportiva competitiva e não competitiva. Esses estudos podem abarcar os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que se apresenta na situação esportiva a partir da perspectiva de quem pratica ou assiste ao espetáculo” (MARQUES e S. JUNISHI, 2000, p.40).

“A Psicologia no Esporte é a transposição da teoria e da técnica das várias especialidades e correntes da Psicologia para o contexto esportivo, seja no que se refere a aplicação de avaliações para a construção de perfis, seja no uso de técnicas de intervenção para a maximização do rendimento esportivo” (BRANDÃO, 2000, p.16).

Durante quase três décadas grande parte da produção acadêmica era produto da Psicologia no Esporte. Esse quadro apresentou uma grande transformação no final da década de 1980, com a busca dos interessados pela formação específica em outros países e a posterior organização de grupos de estudo e instrução de psicólogos brasileiros. Como reflexo dessa ‘formação estrangeira’ o que se viu no princípio foi a utilização de instrumentos de avaliação e técnicas de intervenção à semelhança do que se fazia nos países onde foram desenvolvidos. Mas, diante da especificidade do esporte brasileiro, esses instrumentos e técnicas foram sendo adequados e adaptados tanto às condições

das instituições esportivas como às variações culturais presentes na vida dos atletas brasileiros. (BRANDÃO, 2000, p.10-11).

O resultado dessa busca pela alteridade pode ser observado na diversidade de formas de atuação. “Partindo da psicanálise, do cognitivismo, do behaviorismo radical, do psicodrama, da psicologia social, da psicologia analítica ou da *gestalt* como referencial teórico, um grupo crescente de psicólogos tem se dedicado a desenvolver a Psicologia do Esporte brasileira, considerando as particularidades das modalidades no país e dos atletas que convivem com uma realidade específica” (COX, 2000, p. 26).

A avaliação psicológica de atletas e a construção de perfis é um dos procedimentos que maior visibilidade dá ao psicólogo do esporte e maior expectativa cria em comissões técnicas e dirigentes. É também uma das grandes preocupações dos profissionais da área por envolver procedimentos éticos ditados pelos Conselho Federal de Psicologia. (RUBIO, 2000).

O processo de avaliação psicológica no esporte é conhecido como psicodiagnóstico esportivo e está relacionado diretamente com o levantamento de aspectos particulares do atleta ou da relação com o seu esporte. As investigações de caráter diagnóstico têm como objetivo determinar o nível de desenvolvimento de funções e capacidades no atleta com a finalidade de prognosticar os resultados esportivos. No esporte de alto rendimento, o psicodiagnóstico está orientado para a avaliação de características de personalidade do atleta, para o nível de processos psíquicos, os estados emocionais em situação de treinamento e competição e as relações interpessoais. Com o resultado do diagnóstico pode-se chegar a conclusões referentes a algumas particularidades pessoais ou grupais que oferecem dados para se fazer uma seleção de novos atletas para uma equipe, para mudar o processo de treinamento, individualizar a preparação técnico-tática, escolher a estratégia e a tática de conduta em uma competição e melhorar os estados psíquicos. “Os métodos utilizados para esse fim podem ser tanto da categoria de análise de particularidades de processos psíquicos nos quais se enquadram os processos sensórios, sensórios-motores, de pensamento, mnemônicos e volitivos como os de ordem psicossociais nos quais são estudadas as particularidades psicológicas de um grupo esportivo, buscando revelar e explicar sua dinâmica” (COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP, 2000, p. 16-17).

Diferentemente de outras áreas da Psicologia nas quais já foram desenvolvidos e validados um grande número de instrumentos de avaliação, a área de esportes ainda carece de referencial e conhecimento específicos para investigação, e isso tem acarretado alguns problemas bastante sérios. Um deles é a utilização de instrumentos que vem da avaliação em psicologia clínica ou da área educacional com finalidades específicas, como detecção de distúrbios emocionais, perfis psicopatológicos ou quantidade de inteligência, próprios e necessários para os fins que foram desenvolvidos. O outro é a importação de instrumentos de psicodiagnóstico esportivo desenvolvidos em outros países e aplicados sem adaptação à população brasileira, que apresenta condições físicas e culturais distintas de outras populações (MARQUES e S. JUNISHI, 2000, p. 68)

“Questões de ordem ética têm emergido para reflexão sobre o uso e abuso de resultados obtidos por meio de instrumentos de avaliação psicológica no ser humano.” (FREUD, 2002, p. 51). e

Como diz MARQUES e S. JUNISHI (2000) “se naquilo que se refere ao psicodiagnóstico esportivo a Psicologia do Esporte brasileira ainda busca sua maturidade, é na prática da intervenção psicológica junto a atletas e equipes que se pode observar a multiplicidade de perspectivas e o seu valor”. No caso das modalidades individuais, em que o foco das cobranças é o próprio atleta e sua atuação, atividades voltadas para a concentração, o controle da ansiedade e o manejo das variáveis ambientais costumam ser os principais objetivos da intervenção psicológica. No entanto, a forma e o tempo que esse trabalho levará para ser desenvolvido irá variar conforme o referencial de conhecimento do psicólogo que o aplica. As práticas podem envolver visualização, relaxamento, modelagem de comportamento, análise verbal, inversão de papéis, técnicas expressivas ou corporais.

Ainda de acordo com o autor no caso das modalidades coletivas o foco das cobranças recai sobre as relações de grupo, a formação de vínculo e organização de liderança, e aqui também a diversidade de coisas a fazer é grande. São amplamente utilizados os jogos dramáticos que vem do psicodrama, o desenvolvimento do auto-conhecimento por meio das técnicas de senso-percepção, bem como procedimentos verbais originários da psicanálise de grupos.

“Mas a Psicologia do Esporte não é feita apenas dos aspectos relacionados com a prática esportiva. Ela também é feita do estudo do fenômeno esportivo a partir do referencial da Psicologia Social” (RUBIO, 2000, p. 39).

Por essa perspectiva o esporte é reconhecido como um conjunto complexo de elementos que envolve o atleta, um ator do espetáculo, o espectador e a torcida, razão da realização do espetáculo, os patrocinadores e as empresas que patrocinam a manutenção de equipes e atletas, responsáveis diretos pela transformação do esporte em um dos principais negócios do planeta e por deixar de lado o amadorismo. Isso porque é possível afirmar que “...toda manifestação esportiva é socialmente estruturada, na medida em que o esporte revela em sua organização, no processo de ensino- aprendizagem e na sua prática, os valores da sociedade na qual ele se manifesta” (COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP, 2000, p. 22).

“Questões como o desenvolvimento da identidade do indivíduo, formas de manejo e controle de concentração e ansiedade, aspectos de liderança em equipes, estudadas e tratadas de maneira pontual e pragmática dentro da Psicologia voltada para o rendimento, foram deslocadas de um contexto social maior que é o lugar e o momento que o indivíduo está vivendo” (FREUD, 2002, p. 48).

Recentemente alguns estudiosos começaram a repensar a Psicologia do Esporte transferindo-a de um modelo de habilidades individuais e passaram a observar a necessidade de uma aproximação com a Psicologia Social para a compreensão e explicação desse fenômeno complexo que é a atividade física e esportiva.

“Essa condição reforça o pressuposto de que “toda Psicologia é Social sem que isso signifique reduzir as áreas da Psicologia à Psicologia Social” (BRANDÃO, 2000, p. 22).

Nesse sentido é possível afirmar que a Psicologia do Esporte, que trata do fenômeno esportivo, visa compreender as relações envolvidas entre atletas, técnicos, dirigentes, mídia e patrocinadores, não é apenas uma Psicologia de rendimento de atletas e equipes, mas uma Psicologia Social do Esporte. O debate sobre a função e o papel da Psicologia do Esporte passa necessariamente pela discussão do que é o fenômeno esportivo e como tem sido construído e explorado o esporte na atualidade.

“É também pela perspectiva da Psicologia Social que a Psicologia do Esporte tem atuado junto aos chamados projetos sociais” (MARQUES e S. JUNISHI, 2000, p. 46) em que o objetivo primeiro dessas áreas do conhecimento é promover o desenvolvimento da prática da cidadania ou oferecer alternativas de socialização, principalmente para crianças e jovens, tendo o esporte como facilitador. É o esporte como meio e não como fim.

2.4 A APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE PARA OS ATLETAS

Dentro da Psicologia do Esporte, alguns fatores têm recebido especial atenção dos profissionais envolvidos no esporte, entre eles podemos citar a motivação, a ansiedade, o estresse, a agressividade, a personalidade, a liderança, além das interferências externas (pais, familiares, namoradas(os), esposas(os), amigos, arbitragem, etc.), sem falar na grande influência que a mídia, cada vez mais presente e ativa no contexto esportivo, pode causar nos envolvidos na competição. Todos esses fatores podem, de uma forma ou de outra, com maior ou menor força, influenciar no desempenho do jogador e, conseqüentemente, na performance da equipe. Podemos citar como exemplo um determinado atleta com grande poderio ofensivo e que não consegue marcar um gol há muito tempo e em um jogo perde gols considerados fáceis de serem feitos, causando com isso uma certa insegurança nos companheiros da equipe (RUBIO, 2000).

Todas essas questões devem ser trabalhadas pelo profissional da Psicologia do Esporte para tentar encontrar o fator ou fatores que fizeram com que esse atleta não conseguisse ter um desempenho bom.

Dentro do trabalho desse profissional o primeiro passo a ser executado é conhecer todo o grupo que está trabalhando: atletas, técnicos, auxiliares, dirigentes, enfim, todos os envolvidos com essa equipe, inclusive os familiares. Esse conhecimento pode ser obtido através da aplicação de questionários específicos, entrevistas, filmagens, gravações, etc., e também, através do acompanhamento diário dos treinamentos e jogos realizados por essa equipe. Vale a pena ressaltar que a atuação do profissional da Psicologia do Esporte deve acontecer em todo espaço físico utilizado pelos atletas, ou seja, no campo, na sala de musculação, sempre em ambientes, onde o atleta se sinta à vontade. Não é aconselhável levá-lo

para um local fechado, uma sala isolada. (COMISSÃO DE ESPORTES DO CRP-SP, 2001)

O trabalho do psicólogo clínico pode ser requisitado pelos componentes da comissão técnica, quando for detectado algum desajuste, ou um comportamento por parte de algum atleta, que fuja da realidade do esporte e que necessite de um trabalho específico de acompanhamento psicológico. Relembrando que o trabalho psicológico (no esporte e clínico) não pode ser taxado como sendo para pessoas “Loucas”. (RUBIO, 2000)

“Após ser feito o levantamento das principais características dos atletas é que começa a aplicação prática ou o trabalho específico do profissional da Psicologia do Esporte” (COMISSÃO DE ESPORTE DO CRP-SP, 2000, p. 39).

“Onde ele vai interagir com os atletas, individual e coletivamente, e também com os componentes da comissão técnica, mostrando quais as possibilidades e necessidades para que esses atletas possam desenvolver suas capacidades, tentando atingir um alto nível de performance.”(SAMULSKI,1992, p. 22)

“Por desenvolvimento da personalidade deve-se entender o desenvolvimento integral de um indivíduo (desenvolvimento motor, cognitivo, motivacional, social e emocional), da infância até a vida adulta” (SAMULSKI,2002, p. 37)

É a partir desse estágio que começa realmente a aplicação prática, ou seja, o trabalho específico desse profissional com os outros envolvidos, para tentar diminuir as possíveis diferenças, desníveis e dificuldades de todos.

2.4.1 Entendendo a personalidade do atleta

As quatro formas mais importantes para entender a personalidade no esporte são as abordagens psicodinâmica, de traço, situacional e interacional. A abordagem psicodinâmica enfatiza a importância de determinantes inconscientes de comportamento e a importância de se entender a pessoa como um todo por meio da identificação de traços isolados. Ela tem tido pouco impacto na psicologia do esporte (ALVARO e GARRIDO, 2003).

“A abordagem de traço pressupõe que a personalidade é permanente e consistente diante das situações e que os traços psicológicos predispoem os

indivíduos a se comportarem de forma consistente, independentemente da situação. Ao contrário disso, a abordagem situacional argumenta que o comportamento é determinado em grande parte pelo ambiente ou pela situação. Nem a abordagem de traço nem a de situação tem recebido apoio muito difundido na literatura sobre psicologia do esporte” (ÁLVARO e GARRIDO, 2003, p. 48).

A maioria dos autores e pesquisadores adota a abordagem interacional ao estudo da personalidade esportiva, que considera fatores pessoais e situacionais determinantes iguais ao comportamento. Não apenas os traços pessoais e os fatores situacionais determinam o comportamento, mas às vezes eles interagem ou se misturam de formas singulares para influenciar o comportamento. Por exemplo, uma mesma pessoa com alto traço de hostilidade não será necessariamente violenta em todas as situações. Diante da mãe, ele pode ficar apenas frustrado ao ver seu time ser derrotado. Todavia, essa mesma pessoa quando acompanhada por seus amigos pode reagir à derrota de maneira violenta.

2.4.2 Motivos de agressividades praticada por jogadores de futebol

Os professores de Educação Física através de sua formação acadêmica devem estar aptos a educar seus alunos e atletas para que não cometam cenas de violência de forma a contribuir para o enriquecimento moral do indivíduo. Claro que com a orientação e a contribuição de um profissional da Psicologia .

Os jogadores de futebol e técnicos devem estar conscientes do que é, e do que não é permitido realizar em uma partida de futebol, estes estudos deveriam ser promovidos pela Federação de futebol de cada estado. Com o conhecimento das regras a violência pode ser diminuída.

“No esporte de alto nível, observam-se diferentes formas do comportamento agressivo por parte dos atletas, que variam conforme as intenções dos participantes e das características de cada modalidade esportiva, especialmente das regras e do comportamento do árbitro” (SAMULSKY, 2002, p. 204).

Para CAMARGO (1989, p. 68):

...avaliação psicológica pode ser realizada através de entrevista, testes, questionários e observações sistemáticas, que serão repetidas sempre que houver necessidades de

comprovação dos dados iniciais ou de comportamento que se alterem em função dos períodos de treinamento, como a ansiedade antes, durante e após a competição.

Alguns técnicos de futebol comprovadamente usam a falta como tática para segurar o ímpeto do adversário, a falta é prevista dentro da regra e normal dentro do futebol de competição, mas contando com a conivência de alguns árbitros, e ordens dos treinadores os jogadores cometem as faltas e com violência.

“O *fair play* deve ser incentivado, abandonando a política e promoções das elites, que acabam se tornando vedetes que atraem a violência, grandes somas de dinheiro e atletas sendo preparados exclusivamente para a agressão, para tumultuar os espetáculos esportivos” (CAMARGO, 1989, p. 70).

Com o profissionalismo no futebol, certos jogadores esquecem que seus adversários são pessoas humanas assim como eles, o objetivo do jogo é apenas a vitória, desta forma o estádio de futebol tende a ser um grandioso local de batalha.

A agressividade física acontece em quase todas as partidas de futebol profissional, porém em intensidades diferentes dependendo, do tipo de campeonato, do local do jogo, da rivalidade entre os times, ou uma partida de final de campeonato, por exemplo.

O motivo principal que faz os jogadores a cometerem atos de agressividade, em primeiro lugar é a necessidade de vitória do time, pois nele estão incluídos o poder aquisitivo, o status, que na sociedade é bem valorizado e o próprio ato de vencer, pois ninguém entra em campo para perder.

O técnico e os jogadores quase que na maioria das vezes ficam abalados psicologicamente, antes, durante e depois de cada partida de futebol, principalmente o jogador por estar em constante pressão por parte da torcida. O desgaste físico ou até mesmo um passe errado ou um pênalti perdido podem fazer com que o jogador aumente sua agressividade, aí a importância de um profissional da Psicologia, a sua função nas equipes é fazer com que os jogadores entrem mais calmos e tranquilos, e ao mesmo tempo determinados a realizar o objetivo, que é a vitória.

2.4.3 Psicologia do Exercício e futebol

Dentro de uma visão ampla da psicologia aplicada ao exercício e ao futebol para psicólogos, treinadores, preparadores físicos, professores de educação física,

pesquisadores, médicos esportivos, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais, dirigentes e cronistas esportivos, bem como para aquela pessoa que decide quase tudo dentro de um clube, o atleta objetiva que estes profissionais o ajudem na melhora da performance e na busca imediata de resultados positivos.

De acordo com BRANDÃO (2000), “no futebol mundial, se vê uma evolução da preparação física, técnica, tática e da tecnologia aplicada ao mesmo, cresceu de uma maneira vertiginosa nestes últimos anos”. Quase tudo é oportunizado ao atleta para que no momento da competição ele possa apresentar o seu desempenho máximo. Mesmo assim muitos atletas têm falhado na hora da verdade, pois o fator psicológico, tão importante como os demais fatores associados ao rendimento humano, tem sido descuidado ou não levados em consideração. Já como disciplina científica e como área profissional, a Psicologia do Esporte ajuda a compreender melhor o exercício e o esporte praticados pelo ser humano, avaliando, analisando e dirigindo estas atividades através de processos psicológicos. Ela deve ser responsável pelo bem-estar do praticante de exercício ou esporte, sejam estes objetivos competitivos, recreativos, de manutenção ou reabilitação da saúde. Pode apoiar o indivíduo ou o grupo com o objetivo de maior aperfeiçoamento, segundo a tarefa proposta, melhorando as demandas situacionais, contribuindo para que ele melhore sua habilidade e alcance suas metas e necessidades.

2.4.4 A Psicologia aplicada a lesões

A lesão é um fator negativo que pode ocorrer a qualquer momento para o atleta que pratica futebol. Ainda mais no futebol, que por suas características de esporte de contato físico ocorrem jogadas mais ríspidas e violentas, apresentam maior risco de lesões do que outros esportes cuja dinâmica é mais suave. A habilidade que um atleta tem de resistir às lesões e de recuperar-se bem quando elas ocorrem é fundamental para a sua longevidade no esporte e para a realização plena do seu potencial. Um dos aspectos que tem causado preocupação à equipe médica que atua no esporte é o crescimento atual do número de lesões entre os atletas. Se de um lado essas lesões podem ser causadas por fatores físicos como carga de treinamento, fadiga, ações mal executadas e acidentes, por outro, tem sido enfatizado também que o fator psicológico pode determinar uma predisposição do

importante identificar as mudanças emocionais que estão associadas às lesões do esporte.

“Para classificar a situação como um desafio (avaliação positiva) ou como uma ameaça (avaliação negativa), o atleta utiliza uma avaliação cognitiva da situação” (SAMULSKY, 2002, p.280). Aqui o autor se refere às situações que a atleta enfrenta durante o processo de recuperação.

Dar apoio psicológico ao atleta lesionado é fundamental na sua recuperação, Para iniciar uma abordagem de apoio psicológico ao atleta lesionado, é necessário compreender os desafios, pressões e perigos que compõem o mundo do atleta.

“Como uma grande parte das investigações referem que os atletas lesionados apresentam aumento nos níveis de ansiedade, depressão, raiva, tensão e uma redução da auto-estima, começam a ser desenvolvidos intervenções de ajuda psicológica aos atletas lesionados” (SAMULSKI, 1992, p. 57).

“As alterações fisiológicas e atencionais determinam maior susceptibilidade a lesão por meio de três situações: o aumento generalizado da tensão muscular, redução do campo visual e aumento da distração.” (SAMULSKY, 2002, p. 279).

Na verdade o que o médico e o fisioterapeuta devem aceitar é de que deve ser feito uma combinação de tratamento para manejar os aspectos físicos e psicológicos de uma lesão a maioria dos atletas que apresentam transtornos psicológicos, quando se lesionam, tem uma reabilitação demorada outros até se recuperam bem da lesão, mas seu nível de rendimento dentro do campo jamais atinge o mesmo nível que apresentava antes da lesão.

2.5 O FUTURO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL

Dentro das idéias de RUBIO (2000) seria possível afirmar que a Psicologia do Esporte brasileira segue, os passos, avanços e recuos tanto da Psicologia como do Esporte. Isso representa por um lado o compromisso com a construção da teoria que fundamenta uma prática em desenvolvimento e por outro a instabilidade das instituições esportivas no futebol que dizem desejar o rigor da profissionalização, mas que ainda convivem com o amadorismo no gerenciamento dos clubes e grande parte das Federações e Confederações esportivas.

Isso tem dificultado o planejamento de atuação do psicólogo junto a atletas e equipes de futebol uma vez que esse trabalho psicológico específico requer tempo e disponibilidade para sua realização, posto que toda intervenção em psicologia, em qualquer área de aplicação, é realizado a médio e longo prazos.

Ainda assim é cada vez maior o número de psicólogos que têm escolhido o futebol e o esporte em geral como campo profissional, incentivados pela regulamentação dessa especialidade profissional pelo Conselho Federal de Psicologia e pela procura crescente de atletas e clubes pela psicologia, uma vez que as exigências impostas pelo futebol de alto rendimento aumentam incessantemente. Outro indicador do aumento de interesse pela área é a "...organização de cursos em nível de pós-graduação, visto que a grande maioria dos cursos de graduação em Psicologia não conta em seus currículos com a disciplina Psicologia do Esporte." (COMISSÃO DE ESPORTES DO CRP-SP, 2001 p. 48)

De acordo com BRANDÃO (2000) essa busca tem proporcionado também a formação de um amplo grupo de profissionais envolvidos com a Psicologia do Esporte originários das várias correntes teóricas de estudo, o que têm contribuído para que as possibilidades de pesquisa e intervenção sejam ampliadas para além das práticas profissionais. Ou seja, se até o início dos anos 90 os temas recorrentes de pesquisa eram os aspectos do psicodiagnóstico esportivo e a construção de perfis a partir dos dados obtidos por esse procedimento, hoje grande parte dos estudos preocupa-se em descrever e analisar quando e como utilizar determinadas técnicas ampliando os temas da psicologia do esporte aplicada.

E, outro grande ganho para a área, tem sido o fortalecimento da Psicologia Social do Esporte em que os limites do diagnóstico e intervenção junto a atletas e equipes esportivas foram ultrapassados para se juntar a esse tema os estudos sobre o comportamento das torcidas e do público diante do espetáculo futebol, da violência relacionada com o futebol, o efeito da ação da mídia na produção do fenômeno futebol, entre outros temas (ÁLVARO e GARRIDO, 2003).

Se no início do século XX nos deparamos com o início da Psicologia do Esporte, é possível afirmar que no início do século XXI a Psicologia do Esporte dentro do futebol brasileiro já se firma como especialidade, como área de conhecimento e como campo profissional.

3 METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa de revisão de literatura, onde o objetivo foi demonstrar a importância das pesquisas e dos trabalhos publicados sobre Psicologia do esporte e sua aplicação na preparação de equipes de futebol profissional

4 CONCLUSÃO

A Psicologia do Esporte é uma ciência que ainda tem muito por desenvolver-se, a maioria dos clubes do futebol profissional Brasileiro reconheceram a importância da presença desse profissional na sua equipe de trabalho.

O próprio treinador de futebol tem que usar a Psicologia para conseguir motivar seus atletas nos treinamentos, e a figura do líder do grupo que normalmente é o capitão, tem influência direta no rendimento da equipe, claro que a técnica e o trabalho do dia- dia são fundamentais, mas com os trabalhos e estudos feitos ao longo dos anos mostra que a Psicologia é também essencial no futebol profissional. As equipes que não possuem um trabalho psicológico estão fadadas a terem problemas dentro do grupo de trabalho, o convívio diário durante os treinos e concentrações desgasta qualquer relação.

Muitos atletas e técnicos sabem controlar a ansiedade e tensão em situações pré-competitivas, fato que nem sempre ocorre na situação pós-competitiva, o final da competição não interrompe necessariamente os sentimentos psicológicos despertados pela disputa.

Sem conhecer o campo mental de uma equipe, nenhum tipo de atividade psicológica é recomendável. Se isso é feito sem critério, o que encontramos normalmente é uma equipe perdida dentro da própria gana de vencer.

O profissionalismo dentro do futebol brasileiro trouxe uma certeza: motivação não é brincadeira. Algumas pessoas pensam que motivar um time é simplesmente ficar berrando na orelha dos jogadores ou impondo um determinado jeito de pensar ou atuar.

Querer adivinhar ou brincar com as questões psicológicas pode resultar na tristeza de dezenas de milhares de torcedores ou pior a derrota traz prejuízo financeiro para os clubes por conta de um detalhe aparentemente simples, mas extremamente complexo em sua natureza: a vontade de vencer. O futebol evoluiu muito nos últimos anos, podemos observar a evolução tecnológica e funcional na área das ciências do esporte, pois estamos utilizando melhor os recursos da medicina do esporte, da fisiologia do movimento. A aspiração em ganhar também vem acompanhada de expectativas financeiras.

Mas infelizmente esta evolução tem distanciado o atleta de seus valores reais, redescobrir estes valores ligados ao atleta pode sintonizá-lo com suas reais aspirações e fortalecer aspectos muito importantes para a vitória: calma, responsabilidade, discernimento, humildade, respeito, ética, esforço e integridade. A partir deste esforço de evolução, muitas possibilidades se tornam possíveis manter a concentração, a tranquilidade e principalmente o silêncio interior. Com tudo isso se evidencia a importância da Psicologia do esporte no rendimento do jogador de futebol e do campo esportivo de forma geral, reafirmando ainda mais que a ciência tem um papel fundamental na evolução do atleta e do esporte no século XXI.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, Jose L.; GARRIDO, Alicia. *Psicología Social. Perspectivas psicológicas y sociológicas*. Madrid: McGraw Hill, 2003.

BRANDÃO, M. R. F. **A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte**. São Paulo, 2000.

CAMARGO, Elizabeth da Silva. A psicologia no treinamento esportivo uma proposta de trabalho. **Caderno de ensino e pesquisa do centro de estudos superiores de Londrina**. Londrina, 1989.

COMISSÃO DE ESPORTE DO CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **A avaliação psicológica no esporte ou os perigos da normatização e da normalização**. São Paulo, 2001.

COX Danny. **Sem Limites, quebrando as barreiras no desempenhos social** São Paulo: Market Books, 2000.

FREUD Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro, 2002.

Página de esportes do portal Terra. Disponível no endereço <<http://www.esportes.terra.com.br/2003/05/12/024.htm>>. Acessado no dia 12/06/2003.

MARQUES, AZEVEDO J. A.; JUNISHI, S. K. **Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e a formação de crianças e jovens**, Rio de janeiro, 2000.

RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do Esporte**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

SAMULSKY, Dietmar. **Psicologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 2002.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign: Human Kinetics, 1995.